Comentário

RESISTIR DIANTE DA BESTA:

Um estudo comparativo entre a resistência palestina e Ap 13

RESISTING THE BEAST:

A comparative study between the Palestinian resistance and Ap 13

Gisele Canário[*]
Welder Lancieri Marchini[**]

Resumo:
A presente pesquisa é um estudo comparativo pelo viés da resistência entre a questão palestina e o livro bíblico do Apocalipse de João na perspectiva de entender a relação entre esperança e resistência presente nos dois contextos. Com a criação do Estado de Israel, em 1948, intensificam-se os conflitos entre os árabes residentes na Palestina e os judeus do Estado de Israel. No final do século I d.C. também os judeu-cristãos buscavam resistir diante das investidas do Império Romano. Em ambas as situações as guerras se caracterizam por um poderio bélico desproporcional e um discurso religioso que torna os adeptos, seja do islamismo árabe, seja do cristianismo nascente, capazes de resistirem.
Palavras-chave: resistência, esperança, Palestina, questão palestina, Apocalipse de João.

Abstract:
The present research is a comparative study of the resistance between the Palestinian issue and the book of John on the Apocalypse, under the perspective of understanding the re-

[*] Gisele Canário é mestranda em Teologia, PUC-SP. Bolsista CAPES. giselecanario@gmail.com.

[**] Welder Lancieri Marchini é doutorando em Ciência da Religião, PUC-SP. Bolsista CAPES. welder.marchini@gmail.com.

lationship between hope and resistance present on both contexts. With the foundation of the State of Israel in 1948, the conflicts among Arabians living in Palestine and Jewish living on the State of Israel intensified. In the end of the I century a.C the Jewish Christians also resisted the attempts of the Roman Empire. In both situations wars were characterized by a disproportional bellicose power and a religious speech that enables the followers, from Arabian Islamism or the Raising Christianity, to resist.
Keywords: resistance, hope, Palestine, Palestinian issue, John's Apocalypse.

Introdução

1. A questão palestina

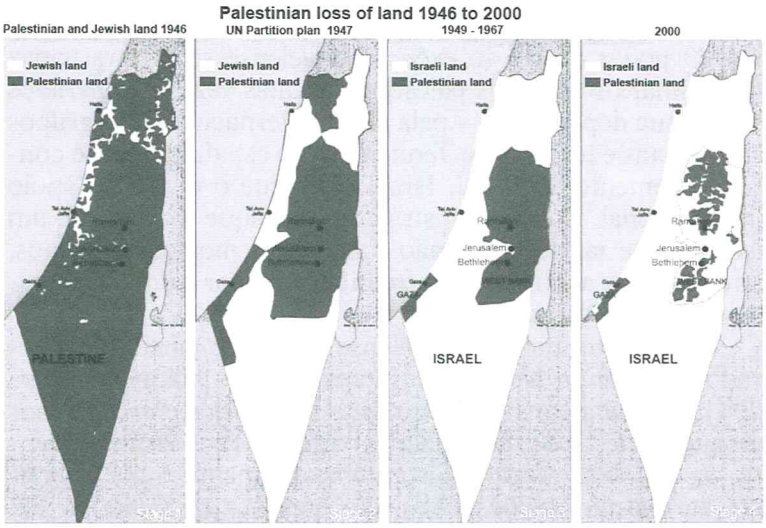
A região da Palestina – que aqui diferenciamos do Estado Palestino – sempre foi uma região de conflitos. Contudo, estes se intensificaram com a criação do Estado de Israel em 1948. A criação desse Estado fez com que os conflitos étnicos entre árabes e judeus culminassem nas lutas pela formação e contra a consolidação do Estado Palestino. Contudo, muitas são as variáveis desse conflito que se estende até os dias atuais. Ele não acontece sem o apoio direto dos EUA ao Estado de Israel principalmente no que diz respeito ao armamento e influência no cenário internacional, sobretudo, junto da ONU.

Nos últimos tempos o conflito se concentra, sobretudo, em vista de se poder controlar a Faixa de Gaza, território de suma importância por estar em estratégico lugar de passagem para o mar Mediterrâneo transformando-se em rota de escoamento de produtos – sobretudo do petróleo – para a Europa. Os constantes conflitos foram acuando os palestinos em territórios cada vez menores (figura 01). Hoje existem, além da Faixa de Gaza, pequenos aldeamentos que funcionam mais em forma de resistência que se intensificaram após a ascensão ao Hamas – organização política e militar islâmica criada em 1987 – ao governo, em 2006.

Há uma questão primordial de legitimidade da posse da terra. Quem tem o direito de ocupar a região da Palestina? Poderíamos cair no erro lógico de nos remetermos aos primórdios míticos da civilização. Seria a terra aquela conquistada por Abraão? Teria o povo palestino legitimidade sobre a terra? A criação do Estado de Israel, em 1948, com forte apoio estadunidense, teria dado legitimidade à expulsão dos habitantes

palestinos que moravam na região? O fato é que palestinos que habitavam a região, desde então necessitam fugir para não serem mortos. Acontecem conflitos parecidos com os do período pós-exílico em que os judeus vindos da Babilônia cobravam dos que haviam ficado o direito sobre a terra.

Figura 01



Fonte: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4602&secao=400> Acesso em 25/ nov. 2015.

Com respeito à criação do Estado de Israel, no século XX, a região não era ocupada por israelenses, mas por árabes palestinos. A vila palestina chamada Huj – atual Sderot – foi ocupada pelos novos habitantes do Estado de Israel. Essa foi a primeira das tantas intervenções que fizeram com que os palestinos se acuassem cada vez mais para a Faixa de Gaza a para os demais aldeamentos. Acuados, eles se tornariam alvo cada vez mais fácil para os ataques israelenses.

Segundo relatos de Galeano,

> Os colonos invadem, e, depois deles, os soldados vão corrigindo a fronteira. As balas sacralizam o despojo, em legítima defesa. Não há guerra agressiva que não diga ser guerra defensiva. Hitler invadiu a Polônia para evitar que a Polônia invadisse a Alemanha. Bush invadiu o Iraque para evitar que o Iraque invadisse o mundo. Em cada uma das suas guerras defensivas, Israel engoliu outro pedaço da Palestina, e os almoços continuam. O repasto justifica-se pelos títulos de pro-

> priedade que a Bíblia outorgou, pelos dois mil anos de perseguição que o povo judeu sofreu, e pelo pânico que geram os palestinos à espreita. Israel é o país que jamais cumpre as recomendações nem as resoluções das Nações Unidas, o que nunca acata as sentenças dos tribunais internacionais, o que escarnece das leis internacionais, e é também o único país que tem legalizado a tortura de prisioneiros.[3]

Os dados relatados mostram uma guerra desproporcional. O poder bélico do exército israelense se mostra capaz de dizimar os exércitos palestinos, muitas vezes equiparados – para sua depreciação – pela mídia internacional aos grupos extremistas e terroristas. Tendo o apoio estadunidense e consequentemente da ONU, Israel consegue o midiático apoio internacional. A mídia mostra com destaque a morte de um israelense e tal destaque não é dado aos mortos palestinos, fato esse que acontece com frequência maior e em quantidade mais expressiva.

O primeiro ministro israelense e líder do partido conservador, Benjamin Netanyahu intensificou os ataques à Faixa de Gaza e também as políticas ditas de *defesa e prevenção* aos ataques palestinos. Financiados pelo governo estadunidense, os israelitas atacam Gaza constantemente transformando, até mesmo regiões civis, sem presença de militares, em fáceis alvos para os seus mísseis. Ao atacar civis, o exército israelense não poupa mulheres nem crianças, mesmo que o discurso que justifique tais ataques seja embasado na defesa militar.[4]

A busca pela constituição do Estado de Israel tem uma gênese histórica que se inicia, sobretudo, no ano 70 d.C. com a destruição de Jerusalém pelos romanos. Inicia-se uma dispersão dos israelenses pelo mundo que se perpetuará por longo tempo. Na Idade Média esses judeus se transformaram em cristãos-novos, convertidos socialmente ao Cristianismo por força da Inquisição, mas que no convívio familiar mantivera as tradições e costumes judaicos. Além da proibição de sua religião, os judeus carregaram por muitos anos as consequências da perda de seu território, fator importante na constituição da identidade judaica.[5] Mas, de modo algum, essa busca histórica pode ser confundida com o conflito entre judeus e palestinos. Tal conflito se inicia com a criação do Estado de Israel, em 1948.

Com o final da Segunda Guerra Mundial a ONU divide o território árabe, que estava sob o domínio britânico, criando dois Estados: um judeu e o outro árabe.[6] O grande problema

[3] E. GALEANO, *Pouca Palestina resta*. In: http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/ Galeano-Pouca-Palestina-resta-Pouco-a-pouco-Israel-esta-apagando-a-do-mapa%0A/6/31420. Acesso em 11/06/16.

[4] Cf. I. H. ZADEH, *Por que os EUA e Israel estão tão interessados que o caos na Palestina perdure?* In: http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/Por-que-os-EUA-e-Israel-estao-tao-interessados-que-o-caos-na-Palestina-perdure-/6/31433. Acesso em 11/06/6.

[5] K. M. FERNANDES, *Palestina, diáspora e território em questão na barbárie de Israel*. In: http://unisinos.br/blogs/ndh/2014/07/28/palestina-diaspora-e-territorio-em-questao-na-barbarie-de-israel/. Acesso em 11/06/16.

[6] A posse da terra pelos judeus não acontece sem conflitos, sejam eles políticos, religiosos ou culturais. Sobre o conflito entre árabes e israelenses ler Cf. Dissertação de Mestrado de Áurea Rejane Gomes. São Paulo: PUC, 2001.

é que havia uma disparidade entre o número de habitantes e o território,[7] visto que 53% do território ficaram destinados a setecentos mil judeus e os 47% restantes a um milhão e quatrocentos mil árabes.[8] Tal desproporcionalidade deu origem a uma série de ataques da Liga Árabe ao Estado de Israel, dando início à guerra árabe-israelense que perdura até os tempos atuais.

Com o final da Primeira Guerra Mundial a Inglaterra se posicionara favorável à criação de um Estado judeu que ocuparia o território que antes estivera sob o domínio do império turco-otomano, aliado da Alemanha que havia perdido a guerra.[9] A criação do Estado não aconteceu nessa época, mas a ideia ganhou corpo e se concretizou posteriormente. Em 1918 a Inglaterra passou a controlar a região e tal domínio se estendeu até 1948, com a criação do referido Estado de Israel.

Em nível operacional os judeus utilizam, após a Primeira Guerra Mundial, os Kibutzim, assentamentos judaicos dentro do território palestino de maioria árabe e islâmica. Tal prática, que se intensificara já no final século XIX, criou maior hostilidade entre os palestinos e os judeus. Neste período a comunidade judaica na Palestina não passava de 60 mil habitantes, constituindo-se como minoria frente à população árabe, mas com grande poderio político, sobretudo, no cenário internacional.[10]

Se entendido na perspectiva do cenário europeu pós-guerra, a criação do Estado de Israel está para além de uma questão territorial ou mesmo relacionada à religião. A questão palestina é extrínseca à própria Palestina.[11] O cenário internacional em muito auxilia na criação de um Estado judeu e na manutenção dos conflitos que ainda hoje perduram na região.

A guerra não pode ser vista unicamente na perspectiva do judaísmo do mesmo modo que não pode ser vista na perspectiva do extremismo árabe. Trata-se de uma consequência do sionismo,[12] perspectiva criada no final do século XIX que tem como intenção a inversão do movimento diaspórico a partir da volta dos judeus para a *terra prometida*. Do lado palestino, a resistência levará à criação da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), em 1964.

A desproporcionalidade da guerra entre judeus e palestinos nos remete ao contexto apocalíptico onde cristãos se deparavam com um poderoso Império Romano. O que está em jogo não é o poder político, religioso ou o simples acúmulo de terra, mas o direito de existir e as condições básicas

[7] A divisão territorial pode ser visualizada na figura 1.

[8] K. M. FERNANDES, *Palestina, diáspora e território em questão na barbárie de Israel.* In: http://unisinos.br/blogs/ndh/2014/07/28/palestina-diaspora-e-territorio-em-questao-na-barbarie-de-israel/. Acesso em 11/06/16.

[9] Cf. E. HOBSBAWM, *Era dos extremos*: o breve século XX (1914-1991). 2 ed. São Paulo: Companhia das letras, 1995. p. 208.

[10] Cf. P. D. M. da SILVA e E. G. W. PAIVA, Crônicas de guerras: a questão palestina no contexto do Século XX. Em *Revista História em Curso*, v. 2, (2012). Disponível em: periodicos.pucminas.br/index.php/historiaemcurso/article/download/3452/pdf

[11] Ibidem.

[12] Movimento nacionalista judaico criado por Theodor Herzl (1860-1904) que tem como uma de suas bandeiras a retomada de um território judeu. Cf. D. M. da SILVA e E. G. A. PAIVA, Crônicas de Guerra, op. cit. *Revista História em Curso*. Belo Horizonte: v. 2, n. 2 (2012).

para esta existência. Os judeu-cristãos do final do século I buscam resistir à força do Império Romano e assegurar o direito de existir. Surge uma literatura repleta de símbolos e com uma linguagem que lhe é própria. A Besta aparece como protótipo do inimigo que ameaça a existência. Buscaremos nos parágrafos que se seguem explanar brevemente algumas ideias da literatura do livro do Apocalipse na perspectiva de entendermos a relação entre o conflito e a resistência.

2. A literatura apocalíptica

O livro do Apocalipse – ou da Revelação, como é chamado em outros idiomas ou traduções – faz parte de um estilo literário que traz uma revelação divina frequentemente através de uma entidade como um anjo ou um homem previamente escolhido. Essa revelação se remete sempre a uma realidade transcendente, escatológica.[13]

Segundo Élian Cuvillier a literatura apocalíptica substitui a profecia veterotestamentária no que diz respeito à resistência que se desenvolve como consequência do cultivo da esperança, sobretudo de pequenos grupos minoritários que são expostos com maior veemência ao poderio romano.[14] Escrito entre os anos 68 e 70 d. C., o Apocalipse se remete a algumas situações acontecidas no reinado de Nero, principalmente quando diz respeito aos mártires. Assim o contexto histórico do Apocalipse de João estaria relacionado à perseguição à comunidade. A mensagem é de encorajamento diante da perseguição romana que se estabelece. A simbólica utilizada pelos escritos apocalípticos faz alusão a imagens utilizadas no Antigo Testamento que facilmente eram entendidas pela cultura judaico-cristã.

Ainda segundo Cuvillier:

> O fim perseguido pelo autor não é a descrição de um desenvolvimento cronológico dos acontecimentos. Mais fundamentalmente ele anuncia, na história dos homens, a vitória de Deus e de seu Cristo sobre o mal de Satanás. Essa vitória é uma realidade de fé à qual o crente só tem acesso pelo registro simbólico (...).[15]

A origem da literatura Apocalíptica está num modo novo de fazer profecia, herda a visão crítica nacional e internacional. Essa forma literária pode ser facilmente encontrada nos sábios israelitas que estavam preocupados com a formação crítica, saber discernir a história, o cotidiano e a presença de Deus na vida. O livro de Daniel retrata muito bem essa

[13] Cf. E. CUVILLIER, Apocalipse de João. *In*: D. MARGUERAT, (org). *Novo testamento*: história, escritura e teologia. São Paulo: Loyola, 2009. p. 492-514.

[14] Idem, p. 497.

[15] E. CUVILLIER, Apocalipse de João. p. 499.

situação, seu objetivo é encorajar os judeus perseguidos para que perseverem e resistam às perseguições, pois isso tudo terá um fim, por que Deus estabelecerá seu Reino definitivo e serão destruídos todos os perseguidores (cf. Dn 2,44; 3,33; 6,27; 7,14). A vitória final não será do rei, mas de Deus que liberta os que lhe são fiéis.[16]

A apocalíptica tem o seu desenrolar num forte sistema de opressão econômica, política e ideológica de potências estrangeiras. Nesse contexto surgem conflitos que colocam em cheque a sobrevivência dos oprimidos. Simbolicamente essa realidade é apresentada pela briga entre Deus e Satanás, pois as potências opressoras são inimigas de Deus e por isso precisam ser derrotadas.

Outra característica da literatura apocalíptica é que o mundo é dividido em três partes. Em cima moram as divindades e esse lugar será o destino dos fiéis. Em baixo moram os demônios e com eles os ímpios. E a parte do meio é a morada da humanidade que se abre para o céu como forma de se relacionar com Deus.

As características apocalípticas apontam para uma doutrina da retribuição. A diferença é que a benção de Deus virá num curto período de tempo. Os apocalípticos esperavam ser recompensados por Deus porque teriam sido fiéis no período de repressão. Essa forma de crer os ajudava a ter esperança[17].

Mas literariamente há um risco. A teologia apocalíptica traz traços de uma visão determinista da história, esse é um risco dessa teologia. Tudo parece estar determinado por Deus que age com justiça para com que aqueles que lhes são fiéis, quase como uma forma de pagamento de dívida e para isso castiga os injustos com maldição e recompensa os justos com a vida eterna[18].

Nesse sentido corre-se o risco de responsabilizar a Deus pelos acontecimentos catastróficos provocados pela ganância e esquecer que o ser humano é um sujeito histórico e, portanto o responsável por aquilo que transforma positivamente ou negativamente. Deus não age de forma mágica na história, acreditando nisso corremos o risco de nos conformarmos com ideologias tanto do lado opressor como do lado do oprimido.

3. Resistência e esperança diante da Besta (Ap 13,1-10)

A redação final do livro do Apocalipse é do final do século I d.C. Paulo e Pedro estavam há tempos insistindo numa certa obediência para com as autoridades constituídas do Império (Rm

[16] Cf. I. B. GASS, (org). *Uma Introdução à Bíblia*: Período Grego e vida de Jesus. São Paulo: Paulus, 2005, p. 65.

[17] Idem, p. 64.

[18] Idem, p. 65.

13,1-3; 1Pd 2,13-14). Mas, isso mudou por conta da perseguição das autoridades romanas às comunidades cristãs. Por conta disso surge um novo cenário que era entender a recomendação de Paulo e Pedro. E isso sucumbiu num longo processo de discernimento.

João descreve a realidade em que está inserida a comunidade retratando, sobretudo, o Império Romano. Faz uma crítica sutil, e elenca os responsáveis pelo sofrimento do povo. Sua tentativa é antes resistir e denunciar a ideologia propagandística imperial. Os símbolos que João utiliza são o Mar, o Dragão e a Besta que têm o objetivo de desmascarar o poder político, o qual antes Paulo havia afirmado proceder de Deus. Para João esses domínios injustos e manipuladores pertencem unicamente a Satanás.

O Império Romano que era defendido pela maior parte das pessoas que o adoravam como uma divindade - revestido pela imagem da Besta - não era suficiente para calar a profecia apocalíptica de João. Apesar de a comunidade ser um grupo pequeno, João não teve medo de demonstrar a dimensão política de sua fé, mesmo sabendo que por causa disso poderiam perder suas vidas. Ser Cristão, essencialmente é optar por uma política justa idealizada por Jesus, e que agora todos os fiéis são convocados a seguirem seus atos.

O capítulo 13 do livro do Apocalipse retrata a realidade presente na comunidade. João aponta um mundo divido: por um lado, o campo do Dragão, da Besta, do Império Romano (Ap 13,1-18); do outro lado o campo de Deus, do Cordeiro, das Comunidades (Ap 14, 1-5).

Em Ap 13, 1-2 a Besta aparece como uma força sobrenatural. O seu grande objetivo é combater o poder de Deus. Provavelmente essa Besta seja a mesma a que Daniel se referiu (cf. Dn 7,2-7). Essa maneira de apresentar o Império relacionado à figura de uma fera violenta vem do profeta Daniel que apresentava os quatro Impérios dos Medos, Babilônios, Persas, Gregos, sob a figura de animais ferozes[19]. Esses reinos trouxeram muitos sofrimentos ao povo judeu. Além de animalescos, esses Impérios desumanizaram a vida do povo mais pobre.

No capítulo 13 João acrescenta o quinto império, agora é o tempo presente, o destruidor é o Império Romano e está simbolizado pelas duas Bestas. Por mais que as Bestas possam mudar de nome ao longo da história, o Dragão, o Leviatã, o Diabo, o poder do mal são sempre os mesmos. O desejo de tornarem-se um único povo, movidos pela força da Aliança do Êxodo, era o maior impulso que determinou esse modo narrativo da literatura apocalíptica.

[19] Cf. C. MESTERS; F. OROFINO, *Apocalipse de São João*: a teimosia da fé dos pequenos. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 260.

Jesus, o Cordeiro imolado, tinha uma ferida de morte e, mesmo assim, estava vivo (Ap 5,6). Contrariamente a isso a Besta também tem uma ferida numa de suas sete cabeças e foi curada. Quando um Imperador morria, no seu lugar vinha outro mais poderoso e tirano. Nero morreu em 68 d.C. e, após ocorrerem várias tentativas de golpe do Estado (68-69), surgiu a lenda de que Nero iria voltar. Alguns anos depois, no reinado de Domiciano, o Povo acreditava que o mesmo era Nero que havia voltado. O Império fazia com que o povo acreditasse que o imperador era um deus. Assim surgia uma admiração universal: *quem é comparável à Besta e quem pode lutar contra ela?* (Ap 13,4).

No Ap 13,5-8 aparece o resultado da ação da Besta sobre o povo. Nesses versículos o Império torna-se cada vez mais insolente e que *profere insultos e blasfêmias contra Deus, contra o Nome de Deus, contra a tenda e contra os que habitam no céu* (Ap 5s). A tenda se refere ao povo de Deus.[20] Os que estão no céu são todas as pessoas que foram martirizadas. O dar permissão para guerrear contra os santos evoca a profecia de Daniel, que afirma que todos os santos representam o povo de Deus e que "Eles serão perseguidos e vencidos" (Dn 7,21.25). Segundo essa mesma profecia de Daniel, Deus irá intervir e o perseguidor será destruído e o reino então será entregue aos santos (Dn 7,26-27).

[20] Idem, p. 261

As comunidades vivem encurraladas e dominadas pelo Império Romano que estende seu poder sobre toda a terra, povo, nação, tribo e língua. Todos os habitantes da terra são obrigados a adorar um deus representado pela Besta. Os crentes da comunidade apocalíptica acreditam que todo esse poder tem um tempo limitado e pré-determinado, durará 42 meses, três anos e meio, metade de sete (Ap 11,2). Quem controla o tempo e o destino da humanidade é Deus.

Os membros da comunidade possuem um destino diferente e guardam em si as promessas de um Deus que inscreveu seus nomes no livro da vida do Cordeiro. São os únicos que não podem rebaixar-se mediante as astúcias de um Império tirano. Em Ap 13,9-10 João revela de onde surge a resistência e a fé dos santos. O que Deus determinou para acontecer o Império Romano não terá forças para combater seus planos.

Na análise da realidade João demonstra, por um lado, a força imperial que domina mundialmente uma nação, mas aponta a fragilidade que essa potência esconde em si mesma e que culminará em sua derrota. Conscientizando a comunidade dessa situação, será possível articular-se de forma a

resistir a todo esse sofrimento que tem um tempo curto de duração. João reconhece a força poderosa que terá que enfrentar, mas isso não o intimida. Pelo contrário, busca criar consciência na comunidade para que sejam críticos e resistam a todo esse mal. O império usa o poder da propaganda e do medo para intimidar a comunidade, mas João usa a força de Deus-justo, o Cordeiro que se imola e ressuscita a vida dos pobres e oprimidos.

A literatura apocalíptica busca construir junto das comunidades a perspectiva da esperança e da resistência diante daquele que sendo a Besta apresentava-se como impetuoso e amedrontador. A força das comunidades diante do Império era pequena. Porém, diante da luta desproporcional, o inimigo passa a lutar contra o próprio Deus que se faz presente na comunidade. A resistência ganha força por remeter o horizonte a uma realidade que é escatológica, mas que incide seus raios no momento presente.

Situação análoga, encontramos na luta e na resistência das populações palestinas diante do poderio bélico israelense. Quais as reais chances de vitória que aquela população encontra? Como continuar lutando se, ano após ano seus territórios diminuem por serem tomados pelo Estado de Israel? A luta política dos palestinos, muitas vezes taxados de terroristas ou fundamentalistas, ganha linguagem e proporções simbólicas como meio de recorrer à divindade. Fortalecendo a esperança fruto da vivência da religião reconstroem ou mantém a resistência.

Considerações finais

A religião tem importante papel de leitura da realidade, seja ela religiosa ou não. Mais ainda, podemos entender que toda realidade é religiosa no sentido que diz respeito ao ser humano e consequentemente à sua religião. As crenças e a fé das pessoas devem incidir em seu cotidiano e consequentemente em sua vida social e política. Assim a religião constitui-se como importante instrumento de construção da esperança e de resistência diante de situações que afligem seus adeptos. Situações de resistências são vistas ainda na sociedade. Algumas delas são motivadas também por organismos eclesiais, como é caso da CPT (centro Pastoral da Terra) que luta incansavelmente diante do grande inimigo que é o latifúndio e o agronegócio. Outras iniciativas não apresentam grandes motivações religiosas, mas merecem nosso respeito e participação. Exemplo é